

COERÊNCIA/COESÃO: UMA NOVA FORMA DE OLHAR OS ELOS COESIVOS

José Olavo da Silva Garantizado Jr. (UNILAB)
Mônica Magalhães Cavalcante (UFC)

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo (re)discutir as noções de coerência e de coesão que não dependam exclusivamente de propriedades inerentes à organização dos elementos no cotexto, mas, sim, de um contexto sociocultural mais amplo, o que inclui uma série de atividades interpretativas dos coenunciadores. Para isso, inicialmente, apresentaremos os conceitos de linguagem, de língua, de texto e de textualidade a partir da visão sociointeracionista (KOCH, 2009b; GARANTIZADO JÚNIOR, 2011; CAVALCANTE, 2011). (Re)discutimos os critérios de coerência e coesão propostos por vários teóricos da Linguística de Texto (HALLIDAY; HASAN, 1976; BEAUGRANDE; DRESSLER, 1981; CHAROLLES, 1978; COSTA VAL, 2006), destacando a maneira como todas as abordagens entenderam tais fenômenos para, em seguida, confrontarmos-las com a perspectiva teórica apresentada por Cavalcante (2011) e sustentada por nós (GARANTIZADO JÚNIOR, 2011). Metodologicamente, nossa pesquisa será documental, pois analisaremos vários textos que circularam em diversificadas mídias sociais. Os resultados apontam que a coesão não está relacionada apenas ao que é de natureza interna do texto (aos mecanismos interiores do texto que, em outras pesquisas, seriam atribuídas somente à coesão e à “coerência” semântica), mas, sim, também a fatores de natureza pragmática, cognitiva e sociointeracional.

Palavras-chave: Coerência/coesão; Fatores de Textualidade; Linguística de Texto.

Abstract: This study aims to (re)discuss the notions of coherence and cohesion which are not exclusively properties inherent in the organization of the elements in the co-text, but rather a broader sociocultural context, which includes a number of interpretive activities of coenunciadores. For this, first, we present the language concepts, language, text and textuality from sociointeractionist vision (KOCH, 2009b; GARANTIZADO JÚNIOR, 2011; CAVALCANTE, 2011). (Re)discuss the coherence and cohesion criteria proposed by several

Text Linguistic theorists (HALLIDAY, HASAN, 1976; BEAUGRANDE; DRESSLER 1981; CHAROLLES 1978, COSTA VAL, 2006), highlighting how all approaches understood such phenomena to then confrontarmos them with the theoretical perspective by Cavalcante (2011) and supported by us (GARANTIZADO JÚNIOR, 2011). Methodologically, our research will document, as we analyze various texts that circulated in diverse social media. The results indicates that the cohesion is not only related to what is text within (the inboard text mechanisms, in other research, would only be allocated to cohesion and “coherence” semantics), but rather also the factors pragmatic, cognitive and sociointeraccional nature.

Keywords: Coherence/cohesion; Textuality Factors; Language Text.

INTRODUÇÃO

A definição da textualidade (o que faz com que entendamos um texto como texto) e de quais critérios seriam mais relevantes quando se quer determiná-la é uma das questões com maior indefinição nos estudos da Linguística de Texto. Essa indefinição continuou até, mais ou menos, o final dos anos oitenta e início dos anos noventa do séc. XX, quando se definiram a coerência e a coesão como os principais fatores de textualidade. Em trabalhos mais recentes (KOCH; TRAVAGLIA, 2008; CAVALCANTE, 2011), entende-se que a coerência subsume os demais e torna-se um dos conceitos mais nucleares nos trabalhos de Linguística de Texto no que tange aos fatores de textualidade.

Entendendo que a coerência e a coesão não são fenômenos que devem ser considerados separadamente, seguindo a

concepção de coerência de Cavalcante (2011) e Garantizado Júnior (2011), examinamos, neste trabalho:

- (i) que noções de língua, linguagem e texto permitem considerar a coerência/coesão como um só fenômeno, em que a coesão consista em um dos aspectos da coerência;
- (ii) quais as categorias já existentes sobre o fenômeno da coerência e coesão, assim como quais os teóricos que o modelo desenvolvido por Garantizado Júnior (2011) leva em conta;
- (iii) como os elos coesivos são considerados sob uma perspectiva mais referencial e funcional em uma proposta que considera a coesão como um aspecto da coerência.

Para fins de organização dos dados e dos resultados, optamos por seguir com os debates teórico e analítico conjuntamente, começando pela apresentação geral das noções de texto, língua e linguagem, seguindo para a apresentação das bases teóricas das noções de coerência e de coesão já existentes e finalizando para a demonstração de como a coerência e a coesão podem ser definidas como coerência/coesão, dando-se ênfase para os elos coesivos.

Nesse sentido, nosso trabalho é relevante para os estudos das Letras em geral, assim como para as áreas afins, porque aplicaremos um modelo analítico da argumentação recém-

desenvolvido, podendo fazer conjecturas sobre as categorias exequíveis em diversificados tipos de práticas discursivas.

OS CONCEITOS DE TEXTO, LÍNGUA, LINGUAGEM E TEXTUALIDADE

Os conceitos de linguagem, língua e texto são basilares para qualquer tipo de trabalho que tenha como objetivo analisar algum fenômeno da linguagem. Sabe-se que esses conceitos são definidos variando conforme a perspectiva teórica na qual o pesquisador se insere. Por conta disso, preferimos entender a linguagem como uma forma de interação. Essa preferência teórica se dá por a vermos como um trabalho coletivo, uma ação orientada com determinada finalidade específica que pode ser realizada em diversificadas práticas sociais existentes nos vários momentos da história, ou seja, ela seria um local onde ocorrem as práticas sociais em que os falantes atuam como sujeitos, e esses ocupam um papel primordial, pois são ativos. A opção de considerar a linguagem como um lugar de interação nos fez entender a língua como uma atividade interativa, social e mental, que estrutura nosso comportamento e permite que nosso conhecimento seja estruturado.

Defendemos um conceito de texto como uma unidade funcional de natureza discursiva que opera basicamente

em determinados contextos comunicativos, sendo, pois, um determinado ato comunicativo unificado em um complexo universo de ações humanas interativas e colaborativas, no qual convergem ações linguísticas, cognitivas e sociais.

É salutar falar que essa concepção de texto como um ato comunicativo interativo foi propiciada com o desenvolvimento de novas perspectivas teóricas na Linguística de Texto (LT), principalmente no final da década de setenta do século XX, quando o foco da LT, que estava centrada nos estudos acerca da competência textual dos falantes, passa para uma nova fase teórico-metodológica, cujo enfoque passa a ser na noção de *textualidade*, estabelecida por Beaugrande e Dressler (1981).

Beaugrande e Dressler (1981) propuseram que havia sete *fatores de textualidade*, sendo que uns estavam diretamente ligados aos fatores de ordem pragmática no processo sociocomunicativo (a **intencionalidade**, a **aceitabilidade**, a **situacionalidade**, a **informatividade** e a **intertextualidade**); outros estavam ligados ao material conceitual e linguístico do texto (a **coerência** e a **coesão**). Vale salientar que os fatores mencionados, segundo os autores, não seriam característicos de um texto, mas condições necessárias para sua produção e compreensão.

Importante deixar claro que, quando os autores nos propuseram os fatores de textualidade, a intenção deles não foi a de apresentar regras de boa formação de um texto, mas sim determinados critérios de acesso à produção de sentido. Como explica Marcuschi,

é bom frisar de modo enfático que o uso da expressão ‘critério’, ao invés da expressão ‘princípio’ para a noção de ‘critérios de textualidade’, deve-se ao fato de não se admitir que esses aspectos da textualidade funcionem como ‘leis’ linguísticas, já que são apenas critérios que **no caso de sua ausência, não impedem que tenha um texto**. O texto, quando considerado como unidade, é uma unidade de sentido e não unidade linguística. (2008, p.97 [grifos nossos])

Dessa maneira, a **textualidade** ou **textura** seria o que faz que uma dada sequência linguística constitua um texto. A tentativa de se determinar os principais critérios que poderiam fazer com que um texto fosse entendido como tal fez que houvesse uma verdadeira mudança nos estudos de Linguística de Texto, propiciando uma maior preocupação com o que se convencionou chamar de textualidade.

A definição da textualidade e de quais critérios seriam mais relevantes quando se quer determiná-la é uma das questões com maior indefinição nos estudos da Linguística

de Texto. Essa indefinição continuou até, mais ou menos, o final dos anos oitenta e início dos anos noventa do séc. XX, quando se definiram a coerência e a coesão como os principais fatores de textualidade, mas agora vistos sob uma perspectiva mais cognitiva e sociointeracionista. Em trabalhos mais recentes (KOCH; TRAVAGLIA, 2008; CAVALCANTE, 2011; GARANTIZADO JÚNIOR, 2011), entende-se que a coerência subsume os demais critérios e torna-se um dos conceitos mais nucleares nos trabalhos de Linguística de Texto (LT) no que tange à própria noção de texto. Por isso, na próxima seção, apresentaremos as principais concepções de coerência textual sustentadas por alguns teóricos da LT.

AS VÁRIAS CONCEPÇÕES EXISTENTES DA COERÊNCIA E COESÃO

Um dos primeiros trabalhos sobre a definição da coerência e da coesão foi o de Halliday e Hasan (1976). Na proposta desses autores, é a coesão que propicia a tessitura de texto, sendo que ela se constitui por uma série de critérios semântico-discursivos; ela se estabelece sempre que se busca entender um elemento do discurso a partir de outro elemento. Ela se constitui a partir de *relações de sentido*, e é por essa razão que, para os autores, ela representa uma condição necessária para a configuração da textualidade.

Na verdade, a coesão é entendida como um conjunto de traços que caracterizam o texto quanto ao modo como ele está construído como edifício semântico. Ela, dessa maneira, constitui complemento indispensável à articulação explícita dos sentidos essenciais do texto, cumprindo uma espécie de função de catálise em relação aos outros componentes do sistema. Para eles, a coesão é realizada por recursos linguísticos, manifestados explicitamente na imanência do texto; tais recursos assumem um caráter eminentemente relacionador, assegurando a continuidade semântica entre os enunciados. Atente-se para a preocupação com aspectos semântico-formais da textura.

Na proposta de Beaugrande e Dressler (1981), a **coerência** está diretamente relacionada com a *continuidade de sentidos* que se faz presente em um texto, mas já inclui conhecimentos compartilhados. A visão desses autores é de que a coerência seria o resultado da atualização de significados, responsáveis pela configuração direta dos sentidos que emanam de um texto, mas tais sentidos só se efetivariam com a interveniência de complexos processos cognitivos que são operantes entre os usuários e não são somente traços do texto.

A base da coerência textual, na proposta de Beaugrande e Dressler (1981), centra-se no fato de termos **a continuidade**

de sentidos entre os conhecimentos ativados diretamente por uma série de expressões linguísticas ao longo do texto e que, de certa forma, devem ser percebidas no momento da codificação (produção) e no momento da decodificação (compreensão). Isso se dá porque, na concepção desses estudiosos, a coerência é compreendida como o *fator fundamental da textualidade*, por ela ser responsável pelos sentidos existentes no texto. Entender o fenômeno da coerência dessa maneira, a nosso ver, reforça a ideia de que a proposta de Beaugrande e Dressler (1981) termina por se concentrar na unidade semântica, apesar de considerar aspectos de ordem cognitiva e pragmática. Eis por que só a assumimos parcialmente nesta pesquisa. Outra concepção também fundada em traços de ordem mais semântica que cognitiva e pragmática é a de Charolles.

Charolles (1978) propõe as **“metarregras” de coerência (repetição, progressão, não contradição e relação)**, que seriam um artifício encontrado pelo autor para tentar fazer uma **articulação dos principais elementos de ordem formal do texto com os elementos de ordem semântica**, considerando-se também o contexto situacional em que o texto está devidamente inserido. Para ele, a **repetição** seria a necessidade de retomar elementos no decorrer do discurso;

a **progressão** se daria a partir da soma de ideias novas às que já vinham sendo abordadas; a **não contradição** seria um importante critério pelo qual o texto não pode se contradizer, e as informações devem ser, pois, compatíveis entre si, não só no que trazem explicitamente, como também no que delas se pode concluir por pressuposição ou inferência. Por último, a **relação** seria a permanência da *congruência* quando um fato for uma causa, condição ou consequência pertinente do outro, e essas relações não precisam ser necessariamente explicitadas por mecanismos linguísticos formais.

Costa Val (2006) dá uma nova roupagem para a nomenclatura proposta por Charolles (1978) a dois desses fatores: a repetição, que a autora chama de *continuidade*, e a relação, que chama de *articulação*. Costa Val (2006) conceitua a **continuidade** como a necessária “retomada de elementos no decorrer do discurso” (COSTA VAL, 2006, p.21); ela vê a *progressão* como a relação existente entre o *tópico/comentário* e/ou articulação entre o *tema/remã*, ou seja, seria a retomada de seus principais elementos conceituais e formais, sem se limitar a essas repetições, devendo, então, apresentar novas informações. Já a **não contradição** diz respeito à compatibilidade entre informações, pois o produtor do texto deve respeitar certas exigências do

quadro enunciativo instaurado, tais como o modo como o discurso está funcionando, no que respeita aos processos de modalização e de controle da argumentação textual e ao encadeamento temporal das informações. Por último, a **articulação** se refere à maneira como os fatos e conceitos apresentados no texto se encadeiam, como se organizam, que papéis exercem uns com relação aos outros.

A proposta de Costa Val (2006) é bastante próxima da de Charolles (1978), embora a autora enfatize o grau de informatividade como condição para a progressão textual. Para tratar de informatividade, Costa Val (2006) recorre também a Beaugrande e Dressler (1981), de modo que poderíamos afirmar que a análise da autora congrega as duas abordagens da tessitura textual.

Cientes de todas essas maneiras de abordar o fenômeno da coerência e o da coesão textual, na próxima seção focalizaremos uma nova maneira de ver esses fenômenos a partir de estudos mais recentes em Linguística de Texto, sobretudo no que tange à referenciação e a outras noções que ela perpassa.

Diferentemente da coerência, a noção de coesão sempre foi pensada na Linguística Textual como um fator de textualidade reconhecível por marcas linguisticamente

explicitáveis – é contra essa visão que nos insurgimos aqui. Não levaria, pois, em conta informações extratextuais, uma vez que isso conduziria a análises intuitivas. Halliday (1984) descreveu esses elementos coesivos como pronomes manifestados ou elípticos, itens sinônimos e nomes gerais – responsáveis pela correferencialidade –, e como itens lexicais outros, que não seriam correferenciais, mas coextensionais.

A referência, por exemplo, quando restrita aos parâmetros da coesão textual, se reduz a uma relação identificadora entre certos itens gramaticais e lexicais e outros itens encontráveis no cotexto. Para Hasan (1985), essa relação se efetivaria por “mecanismos implícitos”, ou seja, a ligação entre esses itens e seus antecedentes só poderia ser realizada no/pelo ambiente linguístico.

Assim, embora se pautem por relações de sentido, a coesão concebida por Halliday e Hasan (1976) é, no fundo, condicionada aos elos formais explicitados no cotexto para tecer uma rede semântica do texto. Apesar de definirem coesão segundo um princípio de dependência semântica, Halliday e Hasan terminam descrevendo o fenômeno como um conjunto de recursos linguísticos que criam tessitura e permitem diferenciar um texto de uma mera sequência de frases. Reconhecer a tessitura de um texto é, para os

autores, cumprir uma das funções que comporiam o sistema linguístico: a função *textual*. A ela se vinculariam duas outras funções da linguagem: a *ideacional* e a *interpessoal*.

Neste artigo, defendemos que a coesão não se circunscreve a aspectos formais da articulação de enunciados, o que, nas palavras de Fonseca, apenas garantiria “a boa formação semântico-sintática do transfrástico” (1992, p.26). Por isso, o autor propõe, e com ele fazemos coro, que a concepção de coesão seja de tal modo elástica que ela passe a se conjugar com a própria noção de coerência.

Fonseca (1992) defende que a noção de coesão deve integrar as dimensões centrais focadas por Halliday-Hasan com outras fortemente operantes na configuração da unidade e da continuidade semânticas do texto, cuja caracterização requer iniludivelmente a consideração das coordenadas da enunciação, logo, uma óptica pragmático-comunicativa, que necessariamente se desligará da estrita sintagmática imanente desta unidade linguística – ou melhor, a penetrará à luz daquelas dimensões.

Nesse contexto, para a configuração da noção de coesão anunciada, interessará caracterizar antes o que, particularmente no âmbito da chamada Linguística de Texto, vem sendo apresentado como a grande dimensão definidora

do texto, a saber a sua coerência. Ciente disso, passemos a analisar como se constitui, a partir das propostas de Cavalcante (2011) e de Garantizado Júnior (2011), a noção de coerência/coesão como um fenômeno só e, também, como os elos coesivos podem ser investigados nesse processo.

DA COERÊNCIA E COESÃO PARA A COERÊNCIA/COESÃO

Como foi mostrado na seção anterior, vários foram os autores que se debruçaram sobre a análise do que faz que um texto seja um texto e, conseqüentemente, sobre a análise dos fatores de textualidade, sobretudo a coerência.

A coerência, dessa forma, por ser responsável pela configuração do sentido textual, é considerada como fator fundamental para um texto. Após os vários estudos que tomam o texto não como um produto acabado e pronto, mas, sim, como um processo que só ganhará sentido no **momento da interação**, em especial nas pesquisas desenvolvidas pelo Grupo de Estudos em Linguística Protexto (UFC), observou-se que definir o que faz um texto ser dotado de sentido tornou-se tarefa árdua e instigante para vários pesquisadores (HALLIDAY; HASAN, 1976; BEAUGRANDE; DRESSLER, 1981; CHAROLLES, 1978; KOCH 2004; COSTA VAL, 2006; CAVALCANTE, 2011). No Brasil, esse percurso pelo qual passou a Linguística Textual repercutiu principalmente nos

trabalhos de Marcuschi e de Koch, como se pode conferir nos seguintes trechos:

As exposições até aqui (...) agora pedem uma concepção de texto que não o veja como um mero artefato linguístico transparente, unívoco e que funcione por si mesmo. Muito menos que seja apenas uma unidade semântica portadora de informações linguisticamente codificadas. Para tanto, adoto a noção de texto tal como proposta por Beaugrande (1997, p.10) quando diz:

‘É essencial que se veja o texto como um **evento comunicativo em que convergem ações linguísticas, sociais e comunicativas** e não simplesmente como a sequência de palavras escritas ou faladas’. (MARCUSCHI, 1998, p.11)

A partir desse momento, com o desenvolvimento cada vez maior das investigações na área de cognição, as questões relativas ao processamento do texto, em termos de produção e compreensão, às formas de representação do conhecimento na memória, à ativação de tais sistemas de conhecimento por ocasião do processamento, às estratégias sociocognitivas e interacionais nele envolvidas, entre muitas outras, passaram a ocupar o centro dos interesses de diversos estudiosos do campo. (KOCH, 2002, p.2)

Foram principalmente esses estudos que, respaldando nossas concepções, permitiram-nos advogar em favor de um ponto de vista que segue as tendências sociocognitivas e discursivas das análises textuais de hoje. Pensamos que os fenômenos da coerência e da coesão não estão relacionados apenas ao que é de natureza interna do texto (aos mecanismos interiores do texto que, em outras pesquisas, seriam atribuídos somente à coesão e à coerência semântica), mas, sim, também a fatores de natureza pragmática, cognitiva e sociointeracional. Essa congruência de fatores, que acabam por não distinguir entre o que é eminentemente intra e extralinguístico, leva-nos a propor o par indissociável coerência/coesão. Como dissemos em trabalho anterior:

partimos (...) de uma noção de texto como fenômeno comunicativo, o que supõe uma visão de **coerência/coesão** e de **textualidade** que não depende exclusivamente de propriedades inerentes à organização dos elementos no cotexto, mas, sim, de um contexto sociocultural mais amplo, o que inclui uma série de atividades interpretativas dos coenunciadores. (CAVALCANTE, 2011, p.9 [grifos nossos])

Em Cavalcante (2011), percebemos que foi seguida a mesma linha de raciocínio de Hanks (2008), para quem há

textos que podem falhar em ter uma unidade temática, estilística ou outros tipos de unidade, mas nem isso os impede de ser um texto. Para o autor, as propriedades formais e funcionais de signos complexos também auxiliam no estabelecimento da textualidade e da sua coerência. Vejamos o exemplo a seguir:

¹(1) **Advertências portuguesas – ESPANTOSO...**

Num secador de cabelos:

‘NAO USE QUANDO ESTIVER DORMINDO’

(Sei lá, você pode querer ganhar tempo...)

Na embalagem do sabonete antisséptico Dial:

‘INDICAÇÕES: UTILIZAR COMO SABONETE NORMAL’

(Boa! Cabe a cada um imaginar pra que serve um sabonete anormal)

Em alguns pacotes de refeições congeladas Swan:

‘SUGESTÃO DE APRESENTAÇÃO: DESCONGELAR PRIMEIRO’

(É só sugestão, tá ok? De repente o pessoal pode estar a fim de chupá-las como picolé.)

1 Disponível em: <http://www.juraemprosaeverso.com.br/HumorDoPovoBrasileiro/Coisasdosportugueses.htm>. Acesso em 21.jul.2012.

Numa touca para a ducha:

‘VÁLIDO PARA UMA CABEÇA’

(Alguém muito romântico poderia colocar a sua e a da amada na mesma touca.)

Na sobremesa Tiramisú da marca Tesco, impresso no lado de baixo da caixa:

‘NÃO INVERTER A EMBALAGEM’

(Ops! Já era... Inverteu!)

No pudim da Marks & Spencer:

‘ATENÇÃO: O PUDIM ESTARÁ QUENTE DEPOIS DE AQUECIDO’

(Brilhante!)

Na embalagem do ferro de passar Rowenta de fabricação alemã:

‘NÃO ENGOMAR A ROUPA SOBRE O CORPO’

(Gostaria de conhecer a infeliz criatura que não deu ouvidos a este aviso.)

(...)

Em (1), vemos pequenos conjuntos aparentemente soltos de citações findadas com enunciados de outra voz que comenta sobre os conteúdos mencionados. Não fossem o título e o site

de humor de onde o texto foi extraído, de que decorrem as expectativas do internauta, os blocos de frases pareceriam desconexos, não coesos, haja vista que eles misturam diversificadas temáticas, o que poderia parecer descontinuidade tópica. Mas é o tópico geral que o título encapsula que une coerentemente os conteúdos num mesmo propósito de estabelecer humor. Esses aspectos, juntos, relacionam também os referentes e promovem a coesão referencial, pela ligação pragmático-discursiva entre as expressões referenciais e os conhecimentos de mundo convocados pelo cotexto.

O sentido do texto se dá a partir de uma série de fatores que devem ser levados em conta para que tenhamos a coerência/coesão textual, dentre eles as características estruturais de um gênero, os discursos que se entrecruzam no texto, o entorno social da época e os propósitos comunicativos.

Defendemos que a coerência e a coesão estão, dessa forma, unidas, em qualquer texto, concepção que, de alguma forma, já vínhamos sustentando em Koch, Bentes e Cavalcante:

coesão e coerência não podem ser vistas de forma totalmente estanques, visto que, na construção de ambas, operam processos de ordem cognitiva, de tal modo que se deveria pensar em contínuo: haveria alguns fenômenos mais típicos da coesão (por exemplo, as anáforas diretas correferenciais), e outros mais típicos

de coerência (detecção da presença da intertextualidade, construção da macroestrutura global do texto), caminhando-se de um polo a outro do contínuo conforme a complexidade das inferências como a *referenciação*, a interpretação de enunciados justapostos sem presença de articuladores, haveria uma imbricação necessária entre coesão e coerência, pois estaria em jogo um “cálculo de sentido”. (2007, p.12-13 [grifos dos autores])

Passemos a um exemplo retirado da internet de uma lista de compras de um supermercado do Paraná:

(3)

LISTA DE COMPRAS SUPERMERCADO UNIÃO

MERCEARIA	<input type="checkbox"/> AÇÚCAR	<input type="checkbox"/> PUIM	<input type="checkbox"/> TEMPERO	<input type="checkbox"/> BATATA	<input type="checkbox"/> MAMÃO	<input type="checkbox"/> REPOLHO
<input type="checkbox"/> FARINHA DE TRIGO	<input type="checkbox"/> GELATINA	<input type="checkbox"/> MALDINSE	<input type="checkbox"/> TOMATE	<input type="checkbox"/> MAÇÃ	<input type="checkbox"/> CENOURA	<input type="checkbox"/> BETERRABA
<input type="checkbox"/> ARROZ	<input type="checkbox"/> MISTURA FIBROLO	<input type="checkbox"/> CATCHUP	<input type="checkbox"/> CEBOLA	<input type="checkbox"/> TEMPERO VERDE	<input type="checkbox"/> ALFACE	<input type="checkbox"/> MANGA
<input type="checkbox"/> FEIJÃO	<input type="checkbox"/> CEREAL	<input type="checkbox"/> ERVILHA	<input type="checkbox"/> ALHO	<input type="checkbox"/> LARANJA	<input type="checkbox"/> BANANA	<input type="checkbox"/> LIMÃO
<input type="checkbox"/> FUBÁ	<input type="checkbox"/> ADOÇANTE	<input type="checkbox"/> MILHO VERDE	<input type="checkbox"/> FEPINO			
<input type="checkbox"/> SAL	<input type="checkbox"/> FERMENTO	<input type="checkbox"/> POLVILHO	<input type="checkbox"/> PALMITO	PADARIA		
<input type="checkbox"/> PIPoca	<input type="checkbox"/> LEITE CONDENSADO	<input type="checkbox"/> AZEITE DE OLIVA	<input type="checkbox"/> PÃO FRANCÊS	<input type="checkbox"/> PÃO FATIADO	<input type="checkbox"/> CUCUA	
<input type="checkbox"/> QUEIJO RALADO	<input type="checkbox"/> CREME LEITE	<input type="checkbox"/> AZEITONA	<input type="checkbox"/> PÃO DEX	<input type="checkbox"/> PÃO CASEIRO	<input type="checkbox"/> SONHO	
<input type="checkbox"/> MASSA	<input type="checkbox"/> ERVA MATE	<input type="checkbox"/> MOSTARDA	<input type="checkbox"/> PÃO CHAORRO QUENTE	<input type="checkbox"/> PÃO INTEGRAL	<input type="checkbox"/> PÃO DE QUEIJO	
<input type="checkbox"/> BISCOITO	<input type="checkbox"/> MAIZENA	<input type="checkbox"/> DOZE DE FRUTAS				
<input type="checkbox"/> BALAS	<input type="checkbox"/> CAFÉ	<input type="checkbox"/> HÊSSELO LATA	BEBIDAS			
<input type="checkbox"/> CHOCOLATES	<input type="checkbox"/> CHÁ	<input type="checkbox"/> ABACAXI LATA	<input type="checkbox"/> CERVEJA	<input type="checkbox"/> SUCO	<input type="checkbox"/> VODVA	
<input type="checkbox"/> SALGADINHOS	<input type="checkbox"/> ÓLEO	<input type="checkbox"/> ATUMSARDINHA	<input type="checkbox"/> REFRIGERANTE	<input type="checkbox"/> PÓ PAREFISCO	<input type="checkbox"/> AGUARDENTE	
<input type="checkbox"/> SOPAS E CALDOS	<input type="checkbox"/> EXTRATO DE TOMATE	<input type="checkbox"/> OVOS	<input type="checkbox"/> ÁGUA MINERAL	<input type="checkbox"/> VINHO	<input type="checkbox"/> WHISKY	
<input type="checkbox"/> ACHOCOLATADO	<input type="checkbox"/> VINAGRE	<input type="checkbox"/> FAROFA DE MANDIOCA				
<input type="checkbox"/> LEITE EM PÓ						
AÇOUQUE	<input type="checkbox"/> LINDIÇA	<input type="checkbox"/> FRANGO PASSARINHO	MATERIAL DE LIMPEZA			
<input type="checkbox"/> COSTELA BOVINA	<input type="checkbox"/> CORAÇÃO	<input type="checkbox"/> MOELA	<input type="checkbox"/> DETERGENTE PÓ	<input type="checkbox"/> ALCOOL	<input type="checkbox"/> DESODORIZADOR	
<input type="checkbox"/> CARNE MOIDA	<input type="checkbox"/> CARRÉ	<input type="checkbox"/> MEIO DA ASA	<input type="checkbox"/> AMACIANTE	<input type="checkbox"/> LUSTRA MÓVEIS	<input type="checkbox"/> GRAXA SAPATÓ	
<input type="checkbox"/> BIFE	<input type="checkbox"/> SACON	<input type="checkbox"/> COQUINHA DA ASA	<input type="checkbox"/> ÁGUA SANITÁRIA	<input type="checkbox"/> LIMPA VIDROS	<input type="checkbox"/> SAPÓLIO	
<input type="checkbox"/> PICANHA	<input type="checkbox"/> CARNE DE OVELHA	<input type="checkbox"/> FIGADO	<input type="checkbox"/> SABÃO EM BARRA	<input type="checkbox"/> CERA	<input type="checkbox"/> VASSOURA	
<input type="checkbox"/> FILE	<input type="checkbox"/> FRANGO	<input type="checkbox"/> FEITO DE FRANGO	<input type="checkbox"/> ESPREGÃO DE AÇO	<input type="checkbox"/> DESINFETANTE	<input type="checkbox"/> SACO DE LIXO	
<input type="checkbox"/> ALCATRA	<input type="checkbox"/> COXA SOBRECOSTA		<input type="checkbox"/> ESPONJA	<input type="checkbox"/> DETERGENTE LÍQ.	<input type="checkbox"/> PANO LIMPEZA	
<input type="checkbox"/> CARNE SEUSA						
<input type="checkbox"/>						
FIAMBRERIA	<input type="checkbox"/> REQUEIJÃO	<input type="checkbox"/> MASSA FRESCA	HIGIENE/PERFUMARIA			
<input type="checkbox"/> HAMBURGER	<input type="checkbox"/> SALSIÇA	<input type="checkbox"/> PIZZA	<input type="checkbox"/> CREME DENTAL	<input type="checkbox"/> FRALDA	<input type="checkbox"/> AZEITONA	
<input type="checkbox"/> ALMÔDEGA	<input type="checkbox"/> LEITE	<input type="checkbox"/> MORTADELA	<input type="checkbox"/> FIO DENTAL	<input type="checkbox"/> ABSORVENTE	<input type="checkbox"/> APAR. BARBEAR	
<input type="checkbox"/> MINICHOKEN	<input type="checkbox"/> IOGURTE	<input type="checkbox"/> PRESUNTO	<input type="checkbox"/> ESCOVA DENTAL	<input type="checkbox"/> SHAMPOO	<input type="checkbox"/> ALUOJÃO	
<input type="checkbox"/> EMPANADOS	<input type="checkbox"/> MARGARINA	<input type="checkbox"/> APRESUNTADO	<input type="checkbox"/> DEODORANTE BANHO	<input type="checkbox"/> CONDICIONADOR	<input type="checkbox"/> PRESERVATIVO	
<input type="checkbox"/> FRITOS FRONTOS	<input type="checkbox"/> PATÊ	<input type="checkbox"/> SALAME	<input type="checkbox"/> PAPEL HIGIÊNICO	<input type="checkbox"/> CREME DE BARBEAR	<input type="checkbox"/> SABONETE	
<input type="checkbox"/> MASSAS	<input type="checkbox"/> MASSA PARA PASTEL	<input type="checkbox"/> COFA				
<input type="checkbox"/> SORVETES						
<input type="checkbox"/> QUEIJO						
<input type="checkbox"/>						
PEIXARIA	<input type="checkbox"/> CAMARÃO	<input type="checkbox"/> SALMÃO	DIVERSOS			
<input type="checkbox"/> FILE DE MERLUZA	<input type="checkbox"/> FILE LINGUADO	<input type="checkbox"/> BACALHUKU	<input type="checkbox"/> FILME FOTOGRAFICO	<input type="checkbox"/> TOALHA DE PAPEL	<input type="checkbox"/> PÓSSORO	
<input type="checkbox"/> FILE DE CAÇÃO	<input type="checkbox"/> PEIXE INTEIRO		<input type="checkbox"/> COPO DESCARTÁVEL	<input type="checkbox"/> FILHA	<input type="checkbox"/> Filtro PICAFÉ	
<input type="checkbox"/> FILE DE TILÁPIA			<input type="checkbox"/> LÂMPADA	<input type="checkbox"/> CARVÃO	<input type="checkbox"/> LAMAS DE BORRACHA	
			<input type="checkbox"/> FALTO DENTAL	<input type="checkbox"/> GUARANAPO	<input type="checkbox"/> BALDE	
			<input type="checkbox"/> RAÇÃO FIAMBRAS	<input type="checkbox"/> VELA	<input type="checkbox"/> BACIA	

UNIÃO O SUPERMERCADO DO CORAÇÃO Rua Constantino F. da Silva Pinto, 320 - Fone: (46) 3263-1513 - CEP 85555-000 - Palmas - Paraná

²Figura 1- Lista de compras de supermercado

2 Disponível em: <http://www.quebarato.com.br/propaganda>. Acessado em 22.dez.2012.

Como podemos perceber, o texto acima é pertencente ao gênero do discurso lista de compras que encontramos na maioria dos supermercados ou até mesmo na internet e, em último caso, nós mesmos podemos fazê-la antes de irmos para um supermercado ou para outro ambiente comercial em que tenhamos muitos produtos a comprar.

Quando estamos realizando as compras ou até mesmo quando estamos em casa ainda, executando o planejamento das compras, informações são reunidas obedecendo a uma ordenação categorial claramente manifesta nas expressões referenciais (mercearia, açougue, hortifruti, padaria, bebidas, material de limpeza, higiene/perfumaria, peixaria e diversos). Interessante observar é que a ordenação desses referentes, todos associados coesivamente por anáforas indiretas, dá-se se levando em conta que os produtos que comporão a categoria serão encontrados, no supermercado, em um só lugar. Por isso é que há uma motivação para a formação de uma categoria “peixaria”, por exemplo, pois nela encontraríamos os produtos relacionados aos peixes vendidos no supermercado e não os produtos de limpeza, por exemplo.

A lista de compras anteriormente apresentada evidencia bem que o fenômeno da coesão não pode ser avaliado apenas pelos elos coesivos sequenciais que deveriam vir na superfície

textual. Se assim o fosse, o texto (2) provavelmente seria tratado como “coerente, mas não coeso”. Para nós, essa possibilidade não existe: se dizemos que há coerência, de alguma maneira os elementos textuais estão coesos, porque são articulados por relações semântico-pragmático-discursivas. A coesão se manifesta de maneira implícita, pois as palavras ao longo do texto estão ordenadas, levando-se em consideração a estrutura do gênero e a estruturação dele em categorias. Esses indícios formais levam à construção de referentes associados e asseguram a coesão referencial do texto.

O que queremos dizer é que a coesão não pode ser vista apenas como um fenômeno que ocorre somente com elos sequenciais, que costumam ser aceitos como marcas linguísticas explícitas, pois, além de poderem existir outras evidências explícitas, há marcas de fenômenos referenciais. Podemos dizer que a concepção de coerência/coesão faz emergir a necessidade de analisarmos outros fatores que, antes, ficavam em segundo plano e, em algumas análises, não eram explorados.

Não podemos negar que os avanços dos estudos acerca da coerência e da coesão também floresceram nos trabalhos de Charolles (1978), com suas “metarregras” (a progressão, a repetição, a não contradição e a relação) e, posteriormente,

nos de Costa Val (2006), que fez uma adaptação ao modelo de Charolles (1978), apresentando como fatores a continuidade, a progressão, a não contradição e a articulação. Em ambos os trabalhos, o cerne da questão é tomar a coerência como *um princípio de interpretação do discurso* e das ações humanas em geral. Para ambas as perspectivas, a coerência é vista como uma atividade interpretativa e não como uma propriedade imanente ao texto. Contudo, os critérios propostos pelos autores, de certa forma, não deixam de tomar a coesão somente na acepção de emprego de elos coesivos.

Apesar disso, consideramos que a coerência/coesão se dá tomando-se como base também os fatores propostos por Beaugrande e Dressler (1981), Charolles (1978), Koch e Travaglia (2008) e Costa Val (2006), além de diversos fatores sociocognitivos, que ativam conhecimentos compartilhados. Contudo, deve-se dizer que não estamos defendendo que o fenômeno da coerência/coesão se dá a partir da união de todas essas perspectivas em um só momento ou que a falta de um desses fatores possa propiciar a falta de coerência/coesão, pois ver o fenômeno dessa forma, para nós, seria fazer uma junção de perspectivas teóricas com objetivos e propósitos diferentes. Na verdade, o que queremos demonstrar é que o fenômeno é muito mais complexo e não se limita somente

aos mecanismos de coesão (tradicionalmente chamados na literatura especializada de elos coesivos).

É inegável que, para que um texto tenha sentido, devemos saber *a situação* em que ele foi produzido, bem como *quem o fez e para quem o fez*, assim *como qual a intenção* que o produtor o fez e *como o leitor o recebeu*, e quais as *informações* que o texto possui. Dessa maneira, a contribuição de Beaugrande e Dressler (1981) foi sobremaneira importante, mas todos esses fatores propostos por eles precisam hoje ser redefinidos à luz de uma perspectiva sociocognitivo-discursiva das estratégias de textualização.

Conforme já lemos em Koch (2006, 2009a, 2009b), as estratégias textualizadoras recorrem necessariamente a diversos contextos. Tais estratégias podem ser de natureza *cognitiva*, que favorecem a produção e a compreensão textual; *interacional*, que facilitam a ativação do conhecimento de variados enquadres comunicativos e de como proceder diante deles; e *textual*, que concernem à organização e de formulação de conteúdos, como inserção, reformulação, balanceamentos de informações novas, dadas e inferíveis.

Por isso, consideramos como fatores que propiciam a coerência/coesão não somente os que foram seminalmente definidos por Beaugrande e Dressler (1981),

redimensionados nesta pesquisa, e por Charolles (1978), mas também os diferentes tipos de conhecimento, os fatores de contextualização (KOCH; TRAVAGLIA, 2008), as inferências que os relacionam, os processos referenciais, o tópico discursivo (JUBRAN, 2006a, 2006b; ALENCAR, 2010) e ainda certas normas de natureza textual-discursiva (CUSTÓDIO FILHO, 2007).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentamos, neste trabalho, outra maneira de se conceber a coerência e a coesão, tomando como base Cavalcante (2011) e Garantizado Júnior (2011), que os veem como fenômenos inseparáveis (coerência/coesão), constituídos por uma série de fatores de ordem linguística, cognitiva, sociointeracional, pragmática, sociocultural e discursiva.

Mostramos que a coesão textual não depende exclusivamente de propriedades inerentes à organização dos elementos explícitos no cotexto, mas, sim, de um contexto sociocultural mais amplo, o que inclui uma série de atividades interpretativas dos coenunciadores.

Desta forma, os conceitos de coerência e de coesão textual são tidos como sendo um só fenômeno, coerência/coesão, capaz de propiciar o sentido de um texto para quem o reconstrói. Defendemos, assim, que os sentidos não vêm prontos, pré-

formulados por quem fala/escreve, mas são construídos também pelo ouvinte/leitor a partir de suas experiências socioculturais. A coerência/coesão supõe o estabelecimento de uma relação, tanto semântica como pragmático-discursiva, entre os elementos de uma sequência, o que propicia a criação de uma unidade de sentido que nunca se apresenta de todo explícita para o coenunciador, pois, na realidade, é construída por este no processo de interação dele com o texto e com os discursos e suas condições de produção.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Elisbeth Nozoza de (2009). *O tópico discursivo nas dissertações de alunos do ensino médio*. Dissertação (Mestrado). Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Linguística.
- BEAUGRANDE, Robert-Alain de; DRESSLER, Wolfgang U. (1981). *Introduction to text linguistics*. London and New York: Longman.
- _____ (1997). *New foundations for a science of text and discourse: cognition, communication, and freedom of access to knowledge and society*. Norwood: Alex.
- CAVALCANTE, Mônica Magalhães (2011). *Referenciação: sobre coisas ditas e não ditas*. Fortaleza: Edições UFC.
- CHAROLLES, Michel (1978). *Introduction aux problèmes de la cohérence des textes*. Langue française. Paris: Larousse.
- COSTA VAL, Maria da Graça (2006). *Redação e textualidade*. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes.
- CUSTÓDIO FILHO, Valdinar (2006). *Expressões referenciais em textos escolares: a questão da (in)adequação*. Dissertação (Mestrado em

Linguística). Fortaleza: Programa de Pós-Graduação em Linguística - Universidade Federal do Ceará.

_____ (2006). “Expressões referenciais, norma linguística e julgamento de (in)adequação”. In: CAVALCANTE, M. M; COSTA, M. H. A; JAGUARIBE, V. F; CUSTÓDIO FILHO, V. *Texto e discurso sob múltiplos olhares: referenciação e outros domínios discursivos* (Orgs.). Vol.2. Rio de Janeiro: Lucerna. p.144-176.

FONSECA, Fernanda Irene (1992). *Dêixis, tempo e narração*. Porto: Fundação Engenheiro António de Almeida.

HALLIDAY, Michael; HASAN, Ruqaiya (1976). *Cohesion in English*. London: Longman.

HANKS, Willian F. (2008). *Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin*. Anna Christina Bentes; Renato C. Rezende; Marco Antônio Rosa Machado (Orgs). Anna Christina Bentes; Marco Antônio Rosa Machado; Marcos Rogério Cintra; Renato C. Rezende (Trad.). São Paulo: Cortez.

JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi. et al (2006a). “Organização tópica da conversação”. In: ILARI, R. (Org.). *Gramática do português falado*, vol. II. Campinas, SP: UNICAMP.

_____; KOCH, Ingedore G. Villaça. (Orgs.) (2006b). *Gramática do português culto falado no Brasil – construção do texto falado*. Campinas, SP: Editora da Unicamp.

KOCH, Ingedore G. Villaça (2002). *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez.

_____ (2004). *Introdução à linguística textual*. São Paulo: Martins Fontes.

_____ (2006). *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez.

_____ (2009a). *A coerência textual*. 3.ed. São Paulo: Contexto.

_____ (2009b). *O texto e a construção dos sentidos*. 9.ed. São Paulo: Contexto.

_____ (2009c). *A coesão textual*. 21.ed. São Paulo: Contexto.

_____; MARCUSCHI, Luiz Antônio (1998). *Processos de referenciação na*

produção discursiva. Vol.14. São Paulo: Revista DELTA.

_____; BENTES, Anna Christina; CAVALCANTE, Mônica Magalhães (2007). *Intertextualidade: diálogos possíveis*. São Paulo: Cortez.

_____; TRAVAGLIA, Luiz Carlos (2008). *Texto e coerência*. 12.ed. São Paulo: Cortez.

MARCUSCHI, Luiz Antônio (1998). *Aspectos da progressão referencial na fala e na escrita no português*. Berlim: Conferência apresentada no Colóquio Internacional de Língua Portuguesa.

José Olavo da Silva Garantizado Jr. é doutor e Mestre em Linguística pela UFC. Professor Adjunto da UNILAB-CE, desde 2016, no *Campus da Liberdade*. Desenvolve pesquisas na área da Linguística de Texto, com foco para coerência/coesão, argumentação e método científico. É coordenador do Grupo de Pesquisa em Texto, Discurso e Ensino (TEDE)-Unilab e membro do Grupo de Pesquisas Prottexto (UFC). E-mail: olavogarantizado@unulab.edu.br

Mônica Magalhães Cavalcante é doutora em Linguística pela Unicamp-SP, mestre em Linguística pela UFC. Professora da UFC-CE, desde 1989, no *Campus Benfica*. Desenvolve pesquisas na área de Linguística de Texto, com foco para coerência, gêneros textuais e argumentação. É coordenadora do Grupo de Pesquisas Prottexto (UFC). E-mail: monicamc02@gmail.com

*Recebido em 10 de junho de 2016.
Aprovado em 30 de setembro de 2016.*